

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16565 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

## PEDAGOGIAS DAS MASCULINIDADES INFANTIS EM CENÁRIOS NEOCONSERVADORES BOLSONARISTAS

Edimauro Matheus Carriel Ramos - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Jamil Cabral Sierra - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

### **PEDAGOGIAS DAS MASCULINIDADES INFANTIS EM CENÁRIOS NEOCONSERVADORES BOLSONARISTAS**

**RESUMO:** Este texto problematiza pedagogias de masculinidades infantis acionadas na seara neoconservadora bolsonarista por meio de artefatos imagéticos, isto é, de fotografias e imagens veiculadas na internet no período que compreende a ascensão política de Jair Bolsonaro e do bolsonarismo (2019-2023). A problematização da pesquisa é: quais os sentidos e representações de masculinidades infantis que são mobilizados pela lógica neoconservadora bolsonarista? A partir do arcabouço teórico-metodológico pós-estruturalista de gênero, sexualidades e infâncias, foram organizadas e analisadas duas categorias de materiais empíricos compostas por imagens publicizadas em portais de notícias no período do recrudescimento do bolsonarismo na seara política brasileira, a fim de tensionar discursividades sobre masculinidades e infâncias imbricadas nessas imagens. A partir da pesquisa documental e bibliográfica, a ferramenta analítica empreendida pelo estudo é a noção de enquadramento de Judith Butler, acionada para discutir as discursividades postas em operação a partir do plano imagético. A análise dos artefatos imagéticos aponta para um movimento reiterativo de aspectos armamentistas e militarizantes que posicionam as masculinidades infantis no cenário político neoconservador bolsonarista, o qual tem a violência como mote do delineamento dessas masculinidades desde a tenra infância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculinidades. Infâncias. Neoconservadorismo. Bolsonarismo.

### **INTRODUÇÃO**

Desde os desdobramentos das discussões e movimentações feministas, os estudos sobre masculinidades têm sido realocados nas problematizações nas Ciências Humanas, seja pelas críticas às lógicas hegemônicas (Connell & Messerschmidt, 2013), ou pelas óticas da masculinidade subversivas e desobedientes aos essencialismos de gênero. A partir dessas posições, compreende-se que as masculinidades são constituídas a partir de diferentes meios, espaços, sujeitos, tempos, artefatos e pedagogias que produzem sentidos sobre os gêneros e sexualidades, de modo a configurar e posicionar o lugar do masculino nas relações de poder e de gênero (Connell, 1995).

Na linha tênue entre o hegemônico e o subversivo, o masculino é entrecruzado por outros marcadores sociais da diferença, como a raça, etnia, classe, geração, religião dentre outros.

Em movimentos interseccionais, tais marcadores sociais produzem (in)diferenças e desigualdades, relações estas em que as identidades são provisórias e problemáticas, frutos de meios representativos construídos cultural e socialmente, não apenas biologicamente (Hall, 1997).

Neste ponto, ao posicionar as infâncias nesses processos de subjetivação, cabe salientar, como ratifica o campo da Sociologia da Infância e suas vertentes críticas, que a infância não é uma categoria universal, e sim plural, não-linear. No campo da Sociologia da Infância surge a emergência de um olhar epistemológico à concepção de infância e de criança, de maneira a desvencilhar-se de idealizações que as pasteurizam, esquadriham e as normatizam (Abramowicz; Oliveira, 2010).

Ancorado por esses movimentos de ressignificação da ideia de infância enquanto categoria, este estudo, ao aproximar esta categoria às problematizações de gênero e de sexualidade, tem a intenção de tensionar as pedagogias e currículos culturais – portanto de gênero, sexualidade, raça, classe e outros – os quais se configuram em um conjunto de processos que os indivíduos são transformados ou se transformam na cultura (Meyer et al., 2004). Tais pedagogias e currículos, conceitos dimensionados para além da semântica escolar, ao se cruzarem com a masculinidade e as infâncias, educam modos de ser e estar no mundo, subjetivando sujeitos e grupos sociais (Fischer, 2002).

Para analisar as relações de saber-poder inscritas nas pedagogias e currículos de masculinidades (Bandeira, 2022), elege-se o contexto político neoconservador brasileiro dos últimos anos, marcado pelas ofensivas antigênero que têm viabilizado as perseguições e os apagamentos das dissidências sexuais e de gênero (Tolomeotti, 2022). No contexto político em questão, o bolsonarismo marca o recrudescimento de um regime orquestrado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro e seus apoiadores e apoiadoras que colocaram em pauta uma agenda direitista, negacionista e extremista que retoma aspectos cívico-militares e neofascistas (Schurster; Silva, 2022),

Isso posto, a problemática da pesquisa é: quais sentidos, pedagogias e currículos de masculinidades infantis são mobilizados e representados na lógica neoconservadora bolsonarista? A partir deste problema, a mobilização teórica-metodológica tem base pós-estruturalista e objetiva analisar discursividades de masculinidades e infâncias presentes em artefatos imagéticos – fotografias e imagens – publicadas durante o contexto político citado.

O aporte teórico que orienta a análise desses artefatos imagéticos é a noção de enquadramento da filósofa Judith Butler, a qual caracteriza a imagem como provocadora de novos contextos, molduras e de variáveis formas de como as realidades podem ser retratadas e capturadas, as quais buscam conter, delimitar e transmitir o que está sendo mostrado (Butler, 2015).

## **METODOLOGIA**

O estudo é de base qualitativa, descritiva, bibliográfica e documental (Gil, 2008). O percurso metodológico documental consistiu no mapeamento de imagens e fotografias publicadas entre os anos de 2018-2023 de crianças (em especial de meninos) posicionados e

atrelados ao contexto neoconservador bolsonarista. As fontes de mapeamento dessas imagens foram portais de notícias e revistas eletrônicas: Folha de São Paulo, Estadão e Revista Cenarium Amazônia. Para a localização das imagens foram empregadas expressões e termos que facilitaram na busca por imagens do foco analítico estipulado, tais como: “*Bolsonaristas/Bolsonaro com crianças/meninos*”, *crianças, armas, fardas e bolsonaristas/Bolsonaro*” e “*masculinidades, meninos e bolsonaristas/ Bolsonaro*”.

A partir do mapeamento das imagens e fotografias, um grande grupo temático foi estabelecido, caracterizado de *enquadramentos imagéticos de masculinidades infantis e relações com a violência*. Para refinar os resultados deste grande grupo temático, o mesmo foi dividido em duas categorias para agrupar diferentes artefatos imagéticos sobre a temática, sendo elas: a) *masculinidades infantis e as armas* e 2) *masculinidades infantis, militarismo e patriotismo*. Nesta pesquisa, a imagem é ponto central, uma vez que fornece insumos para pensar nos enquadramentos e nas variáveis formas de como as realidades são capturadas e delimitadas nas imagens (Butler, 2015), sobretudo quando se trata das representações de gênero e dos demais marcadores sociais de diferença.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### a) *Masculinidades infantis e as armas*

**Imagens 1&2.** Jair Bolsonaro com criança gesticulando arma com a mão (esquerda) e Jair Bolsonaro carregando criança com fuzil (direita).



Fonte: Estadão, 2018; Folha de São Paulo, 2021.

Nas imagens da primeira categoria, o símbolo da arma é acionado sob diferentes expressividades: na primeira imagem, vê-se a representação do artefato com os dedos da mão, enquanto na segunda há a réplica de um fuzil portada por um menino, que também usa uma vestimenta das Forças Armadas. Este símbolo e filosofia armamentistas – fortemente preconizados no Governo Bolsonaro – expressam poder e coragem, critérios que embasam o delineamento das masculinidades.

Nesse aspecto da construção das masculinidades dos meninos, nota-se que estes são expostos aos *scripts* de gênero (Felipe, 2019), que são roteiros que cultuam comportamentos essencialistas e normativos de gênero, tal qual a ideia de que os meninos devem ser corajosos

e violentos ao se apossarem de uma arma. A arma e a sua posse sustentam uma ideologia falocrática ligada de forma intrínseca a uma masculinidade hegemônica (Trevisan, 2021) que cultua a coragem, a virilidade e demais elementos ligados ao poder e a força que são atribuídos ao masculino.

Na perspectiva do enquadramento, Butler (2015) reflete que o que é representado dentro das molduras imagéticas favorecem o funcionamento do Estado, de maneira a constituir e reiterar o exercício de poder, estes que excedem as relações de poder no âmbito estatal. Desta forma, os enquadramentos de masculinidades infantis posicionados na seara neoconservadora enfatizam que o denso investimento em armas, símbolos e discursos de cunho pró-armamentistas são elementos indispensáveis na constituição das masculinidades desde a infância dos meninos, atualizando assim os *scripts* de gênero que os meninos que são educados e enquadrados.

### b) *Masculinidades infantis, militarismo e patriotismo*

**Imagens 3&4.** Crianças em manifestação antidemocrática com indumentárias militares.



**Fonte:** Revista Cenarium Amazônia, 2022.

O segundo grupo analítico apura enquadramentos imagéticos de masculinidades infantis e suas relações com o militarismo. Apesar de serem imagens de um mesmo contexto – um ato antidemocrático em frente ao Comando Militar da Amazônia (CMA), em Manaus – ambas as imagens apresentam dois elementos distintos militaristas: 1) indumentárias militares (fardas e vestimentas) e o 2) assujeitamento das crianças aos atos antidemocráticos, denominados pelos/pelas bolsonaristas como “atos patriotas”.

Dentre os elementos que orquestram o ato antidemocrático (e por que não chamar de guerra?), nota-se que em ambas as imagens apresentadas os enquadramentos resgatam “atributos culturais do poder militar durante esses tempos como se tentassem maximizar a precariedade para os outros enquanto a minimizam para o poder em questão” (Butler, 2015, p. 40). Ademais, o posicionamento e enquadramento das crianças, em especial do menino no contexto de guerra, expressam uma espécie de masculinização da infância, isto é, a projeção de uma masculinidade de currículo militarista, heteronormativo e armado, pensado e idealizado para um homem adulto. Sob este prisma, ser homem “não é apenas um substantivo. Ele é também um adjetivo no sentido de seu status. Por isso obriga a cada homem provar obstinada e ininterruptamente, a si e à sociedade, quem ele é” (Muszkat, 2018, p. 45).

Elementos como a bandeira do Brasil e as cores verde e amarelo também exalam o patriotismo ao comporem o enquadramento imagético de masculinidade. É possível compreender que, no conjunto contextual do cerne político neoconservador bolsonarista, há “um forte ingrediente fálico-inflacionário nas fardas militares, feitas para ostentar a autoridade, a potência e a força” (Trevisan, 2019, p. 116). Assim, as infâncias masculinas são ensinadas e cravadas em pedagogias de masculinidades pensadas e projetadas por ideias adultocentradas, e os meninos, neste referido contexto de guerra, são percebidos como homens em miniatura: sujeitos fortes, altivos e patriotas, prontos para defender ideais de uma parte da nação ao serem usados como escudo para defendê-los.

## CONCLUSÕES

É possível discorrer que o plano imagético e os seus respectivos enquadramentos neoconservadores bolsonaristas apresentam um elemento de continuidade comum – a violência – que não apenas conecta, mas que posiciona e subjetiva os meninos a partir de pedagogias e currículos de masculinidades que têm a figura adulta e masculina como referência e égide discursiva. Os recursos simbólicos e discursivos que emanam dos sentidos de masculinidades e infâncias interpretados aqui pelas lentes analíticas apontam que os *scripts* de gênero são relançados e retroalimentados em diferentes esferas e demandas culturais, sociais e, principalmente, políticas.

Nas reflexões tecidas, as noções de pedagogia, de masculinidades e de infâncias são ampliadas conforme as questões de gênero emergem dos enquadramentos imagéticos e se apresentam intrínsecas ao neoconservadorismo bolsonarista aqui problematizado. A reatualização de elementos que social e historicamente são atribuídos ao masculino – as armas, a violência, as vestimentas militares, a coragem e a força – ganham ressonância ao ver nas infâncias masculinas o vetor dessas pedagogias de gênero e de masculinidades.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A sociologia da infância no Brasil: uma área em construção. **Educação UFSM**, v. 35, n. 01, p. 39-52, 2010.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidade em movimento. In: SEFFNER, Fernando; FELIPE, Jane (orgs.). **Educação, Gênero e Sexualidade: (im)pertinências**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2022. p. 289-313.
- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.
- CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.
- FELIPE, Jane. Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In:

- ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana. (Orgs.). **Para pensar a docência na Educação Infantil**. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 238-250.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 49-71.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, 1997.
- MEYER, Dagmar Estermann et al. 'Mulher sem-vergonha' e 'traidor responsável': problematizando representações de gênero em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, p. 51-76, 2004.
- MUSZKAT, Malvina. **O homem subjugado: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo**. São Paulo: Summus, 2018.
- SCHURSTER, Karl; DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. A novilíngua autoritária e o papel dos militares na nova república. O caso do “Projeto de Nação”. In: SCHURSTER, Karl; DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira (orgs.). **A República sitiada: militares e bolsonarismo no Brasil**. Recife, PE: Edupe, 2022. p. 17-72.
- TOLOMEOTTI, Tamires. **A performatividade política dos discursos de ódio neoconservadores na educação das dissidências sexuais e de gênero**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Curitiba: UFPR, 2022.
- TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só: a crise do masculino**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.